

“Nós Existimos e Somos parte desta Cidade”: vestes africanas como elementos acionadores de identidade e de modos de existência¹

Christian Dino Batsi²
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

RESUMO

Tomando o *kimono*, isto é, “coisa para se vestir”, como pretexto, objetiva-se, neste trabalho analisar as vestimentas de migrantes africanos em São Paulo como expressão de identidade cultural e afirmação de existência. A fundamentação teórica baseia-se, entre outros, nos estudos sobre vestimentas africanas de Cissé (2008), de Calanca (2011), Alves (2017), Entwistle (2015) e Pinafi *et al.* (2012), abordando corpo e identidade. Como metodologia, utilizamos observação e entrevistas. Os resultados indicam que os migrantes africanos atribuem significado às suas vestimentas como forma de afirmação de uma identidade negra comunitária e de resistência às tensões raciais na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Migrantes africanos; Vestes africanas; Identidade; Memória.

Contextualização

Aproximadamente a partir do ano 2011, cresceu a onda do movimento migratório do continente africano para o Brasil. Segundo o relatório “Refúgio em Números” do Acnur (2023)³, registrou-se, em 2022, a presença de cerca de 42.000 migrantes africanos no Brasil, o que não exclui a possibilidade de subestimação dessa estatística. Os migrantes são expressões de corpos em movimento, de cujas culturas fazem parte as vestes. Assim, tomando o *kimono*⁴, isto é, “coisa para se vestir”, como pretexto, objetiva-se, neste trabalho, apreender as vestes como elementos acionadores de identidade cultural e de

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho - Comunicação e moda, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Mestrando no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. E-mail: christiandino46@gmail.com

³ Disponível em: < [⁴ No estudo do japonismo, o termo se refere ao traje típico do Japão que tanto adultos como crianças e idosos usam, podendo designar tanto a parte principal quanto o conjunto da veste. Observação: O presente resumo foi apresentado no escopo do seminário da disciplina “Políticas da Vida e Construção de Corpos: O que a genealogia biopolítica do quimono nos ensina sobre tramas midiáticas, colonialismos e a potência performativa das vestes”, ministrada pela Profa. Dra. Christine Greiner. E-mail: cgreiner@puccsp.br](https://www.acnur.org/br/dados-refugiados-no-brasil-e-no-mundo#:~:text=De%20acordo%20com%20dados%20divulgados,angolanas%20(6%2C7%25).> Acesso em 5 abr. 2025.</p></div><div data-bbox=)

modos de existência de migrantes. Isso porque a veste africana é, acima de tudo, como se quer considerar neste trabalho, um fato cultural, considerando que sua importância na África não se deve apenas à sua qualidade de produto destinado a satisfazer a necessidade vital de vestuário do ser humano, mas também ao fato de ser ela um veículo particular da identidade cultural de um indivíduo, de um povo ou de uma comunidade (Gold *et al*, 2001; Lebreton, 2003).

Assim, pretende-se entender as vestes de migrantes africanos como expressão de sua identidade cultural e modo de afirmação de existência. Dito de outra forma, pretendemos conceber as vestes não apenas como algo a ser vestido ou usado, o que nos possibilitará levar em conta a subjetividade do indivíduo, seus processos de construção identitária, seus anseios e questões sobre si. Isso enfatiza o fato de que as vestes não só cumprem uma função social, mas também se apresentam como elementos acionadores de identidade e de modos de existência, pois “o vestir (roupas) é o meio pelo qual o corpo torna-se social, o que localiza o ato de vestir no limiar entre as vontades íntimas do indivíduo e a percepção social do mesmo (Entwistle, 2015, p. 7). Tal percepção, aludindo a uma busca de afirmação de existência, é imprescindível quando a consideramos na leitura que tangencia os modos como os grupos de afrodescendentes se apropriam de suas vestes e os sentidos que eles dão a elas. Atraídos pela possibilidade de aquisição de uma aparência típica e peculiar, os referidos grupos enxergam nesse estilo de vestimenta um caminho de busca pela sua ancestralidade.

Nessa perspectiva, entendemos o uso das vestes africanas como reflexo da oscilação entre uma identidade comunitária negra, que pode significar respeito por sua memória, e a resistência a ela subjacente em meio a uma sociedade na qual as questões racial e identitária estão em choque. Essas leituras sobressaem dos testemunhos recolhidos em entrevistas e ganham sentido a partir do trabalho de campo que realizamos, por meio do qual entendemos as questões correlacionadas com as vestes, como linguagens, história e elementos acionadores de outras histórias.

Revisão da literatura

A literatura sobre as vestimentas africanas é diversa, mas é unânime em reconhecer seu carácter estético, original e criativo. A veste africana é, acima de tudo,

como se quer considerar neste trabalho, um fato cultural. Diríamos que as vestes contam história, uma vez que estamos de acordo com o que alega Cecília Pescatore Alves (2017). Segundo ela, as vestes são expressões das comunicações mais informais, nas quais é possível apreender um pouco de identidade. No contexto deste trabalho, esse sistema de comunicação social, que tem corpos como meio, não é uma linguagem com regras gramaticais exatas; mas sim uma linguagem que é sempre atrelada ao contexto dos corpos, ou seja, à sua localização geográfica, social, histórica, racial, de gênero, entre outras e, no caso de nosso trabalho, à situação de migrantes.

Tal leitura encontra respaldo nas ideias do especialista africano Cissé (2008), para quem a roupa é o primeiro traço de personalidade de um indivíduo, como também defenderam culturalistas americanos e antropólogos como Ralph, Linton e Margaret Meade. Nesse sentido, a produção da veste africana não pode também ser considerada uma simples indústria. Por isso, não nos preocupamos em falar de tecidos ou dos modos de se fazer as roupas africanas (ainda que o mercado capte tal atividade), pois entendemos que essa abordagem, em razão de sua amplitude, resultaria em outro trabalho de pesquisa. No presente trabalho, optamos por discutir as vestes pela perspectiva que as concebem como uma expressão de identidade cultural, a qual se opõe ao uniformismo cultural transmitido pelo capitalismo. O que buscamos compreender vai no sentido de que Calanca (2011) fala. Para esse autor, as vestes explicitam o modo como nos colocamos no mundo.

Desse modo, entendemos também a roupa como algo indicativo de sua relação com a pessoa, algo que aponta para o que a pessoa é ou para o que ela gostaria de ser em seu contexto de vivências, linguagens e histórias. Vista assim, a veste apresenta-se como um elemento acionador de identidades, tal como o *kimono*. Diríamos até que, discutida nesses termos teóricos, a temática da vestimenta levanta a questão do “lugar de fala” (Ribeiro, 2019), ou seja, a veste fala pela pessoa vestida. É possível afirmar, neste contexto, como as roupas ganham propósitos de construção de identidades políticas dos grupos, com objetivos de “reafirmação identitária e de comunicação, proporcionando a noção de pertencimento e de proteção (...)” (Pinafi *et al.*, 2012, p. 277). Isso porque, como observa o historiador François Boucher (2010, p. 13), “nenhuma cultura conhecida no Ocidente deixa de transformar seus corpos, (...) de comunicação ou de autoexpressão”. *A fortiori*, isso vale também para os migrantes africanos.

Dito isso, reforça-se a ideia de vestes não apenas como prática corporal em determinada situação, mas também como um traço que ressalta as relações complexas entre o corpo e a cultura (Entwistle, 2015). Feitas tais observações, os migrantes africanos, perceptíveis por suas roupas, além de acionarem a sedução e a comunicação por meio de suas vestes, eles encontram nelas um modo de expressão de sua identidade e existência na cidade.

Vestes como acionadores de identidade e modos de existência

Tendo considerado as discussões acerca dos aspectos sociais, culturais e simbólicos das vestes e do corpo humano com o intuito de captar as vestes como elementos acionadores de identidade e de modos de existência de migrantes africanos, será discutido, de agora em diante, como isso reverbera na fala dos próprios migrantes quanto à identidade cultural e aos modos de existência. Por ser africano, tive facilidade de marcar entrevistas⁵ para coletar dados para este trabalho. Escolhemos a cidade cosmopolita de São Paulo, marcada pela presença de numerosos imigrantes da África, constituindo-se, assim, num campo interessante para o estudo que ora se apresenta. Estudar a temática das vestes africanas dentro do prisma proposto e compreender as diversas influências que com elas interagem e as moldam tornando-as uma expressão da identidade cultural africana e dos seus modos de existir é um dos desafios principais do presente trabalho.

Assim, realizamos um passeio pelas regiões da República e do Brás, locais onde é fácil encontrar muitos migrantes. Durante esse passeio, selecionamos para esta pesquisa o senegalês Babacar, de 34 anos, e Macunja, de 29 anos, ambos vendedores ambulantes naquelas regiões de São Paulo. No intuito de traçar como as vestes africanas também repercutem como expressão de memória entre pessoas negras no Brasil, além dos dois entrevistados africanos, selecionamos dois brasileiros: Janaína, de 41 anos, e Jeferson, de 40 anos, ambos pessoas pretas, que, com frequência, usam vestes africanas.

A seleção dos entrevistados foi determinada pelo fácil acesso a eles. Tendo percebido que seria mais adequada a metodologia das narrativas de história de vida, não preparamos um roteiro para as entrevistas, deixando-os à vontade para compartilharem

⁵ Todos os nomes utilizados para os entrevistados nesta pesquisa são fictícios, por não termos recebido autorização formal para a divulgação de suas identidades.

suas histórias com as vestes. A esse respeito, Cecília Pescatore Alves (2017) entende que, a partir das histórias de si, contadas de forma despretensiosa em conversas mais informais, é possível “identificar o sentido que o narrador atribuiu às relações vividas com a diversidade de pessoas e grupos, e como tais relações possibilitam mudanças na constituição da identidade” (Alves; Veiga, 2020, p. 1). Em suas histórias de vida, procuramos compreender a relação que cada um tem com as vestes africanas, além dos incômodos e inquietações.

Assim, quando diz que precisa sempre se reafirmar como africana, Macunja indica o quão fácil é para ela ser notada quando veste roupas africanas: “sei que sou uma pessoa preta, isso é fácil ver. E, aqui no Brasil, tem bastante gente preta, mas as pessoas me notam facilmente quando estou em roupa africana (...) é como se a minha roupa me fizesse existir, eu quero que eu seja reconhecida como tal, na minha pessoa de africana”. Tal fala se alinha à ideia segundo a qual o vestir-se apresenta-se tanto como um “sistema de signos por meio do qual os seres humanos delineiam a sua posição no mundo e a sua relação com ele” (Calanca, 2011, p. 16) quanto como uma prática corporal situada que evidencia as ações dos indivíduos sobre seus corpos (Entwistle, 2015, p. 71).

A fala de Babacar, por outro lado, ressalta duas posições: a de que, apesar de dizer que se importa muito com o que as pessoas ao seu redor pensam em relação ao que ele veste, chamando de “estranha” a sua vestimenta; e a do reconhecimento dessas pessoas, que o consideram “chique” quando se encontra com trajes africanos. A sua fala é permeada pelas impressões de não africanos acerca das vestes africanas: “Muitas vezes, eu me pego pensando se tenho que fazer alguma coisa com o meu estilo. ‘Será que eu tenho que me vestir de uma forma diferente para não parecer estranho?’ Tem gente debochando de mim... Porque eu não quero continuar sendo identificado como venho sendo, mas também tem gente que me acha chique. Então, o que é que eu preciso fazer? Mas eu gosto de ser e me vestir como eu sou e não vou mudar, pois é minha cultura”.

Na perspectiva deste trabalho, o ‘estranho’ a que se refere Babacar pode ser compreendido à luz da teoria *queer*, não tomada no seu sentido de gênero, mas no sentido daquilo que causa *estranhamento*. Nesse caso, um modo descentralizado de se vestir, ou seja, que foge do padrão. Tal conceito apela também para o de *excentricidade*, não na acepção que lhe é cabível quando se pretende qualificar algo como exótico, mas no sentido indicativo de que alguma coisa não se enquadra nos padrões e modelos

estabelecidos. No contexto do que propõe este trabalho, tanto a estranheza quanto a excentricidade podem ser modos de afirmação identitária e existencial.

Para Janaína e Gustavo, as vestes africanas são um modo de resgate da ancestralidade. “Quando estou nessas roupas, sobretudo com capulana, me acho muito chique e na minha ancestralidade. Mas também me sinto empoderada...”, destaca Janaína. Jeferson, por sua vez, afirma que se veste para manter presente a sua memória: “a minha árvore (genealógica) diz que minhas tataravós vieram da África, de Angola. Meu sonho é ir para lá um dia, mas, por enquanto, me visto com essa memória enquanto não puder ir”.

Em outras palavras, a identidade cultural é reconhecida em termos da vestimentária e até da estética. Estamos, contudo, ciente de que, embora o modo de se vestir remeta também às questões de pertencimento, o fantasiar-se em outro corpo pode abarcar ou não tais questões. Ampliando essa reflexão, consideramos que, apesar de a comercialização de roupas africanas ser um fato entre os brasileiros, que as consideram “chiques”, elas não se inserem nas regras do mercado, sustentadas pela criação de anseios e pela busca constante de novos produtos de consumo.

Como pode ser percebido nas falas dos entrevistados, as vestes expressam a busca por uma autenticidade cultural, o que remete à questão da identidade. Nesse sentido, destacamos Joanne Entwistle, que propõe “a ideia do vestir como uma prática corporal situada, como uma forma teórica e metodológica de entender a dinâmica complexa entre o corpo, as vestes e a cultura” (2015, p. 11). Isso quer dizer que o vestir-se não é apenas a manifestação em imagem de um suposto eu interior dos sujeitos, e sim uma materialização da conturbação entre as vontades do indivíduo e os valores sociais.

As interpretações dos entrevistados sobre as vestes ressaltam um desejo forte de expressão de sua identidade e, assim, de seu modo de existência como migrantes ou pessoas pretas no Brasil. Tudo isso pode ser enfatizado na fala de Antônio Ciampa (1984), na qual as identidades dos sujeitos são concebidas dentro dos contextos históricos e sociais vividos, dos quais emergem as diferentes possibilidades e limitações, modos e alternativas de suas construções. Nesse sentido, assim como não há a possibilidade de que exista um corpo “nu”, que não seja vestido de significados sociais (Calanca, 2011, p. 74), também não há, na perspectiva deste trabalho, a possibilidade de a veste africana não trazer significados da identidade e modos de existência dos próprios sujeitos migrantes.

Considerações finais

Ao realizar este trabalho, tomamos conhecimento de histórias difíceis e, por vezes, trágicas da viagem migratória e de questões da população negra no Brasil. É nesse sentido que foi interessante a construção da percepção de como as vestes podem ser meios de uma luta de expressão da própria identidade e dos modos de existir. Assim é perceptível nas vestes essa marca da reafirmação identitária e dos modos de existência. Durante esse percurso, foi possível ter acesso a dados muito interessantes trazidos pela pesquisa acerca das vestes, que não apenas cumprem uma função social, mas também se apresentam como elementos acionadores de identidade e de modos de existência.

Referências

- ALVES, Cecília P. Narrativas de história de vida e projeto de futuro no estudo do processo de identidade. *Textos e Debates*, Boa Vista, RR, n. 31, p. 33-41, jan./jun. 2017.
- BOUCHER, François. *História do vestuário no Ocidente*. São Paulo: Cosac Naify, 145 2010.
- CALANCA, Daniela. *História social da moda*. São Paulo: Editora Senac, 2011.
- CIAMPA, A. C. *Identidade*. In: CODO, W; LANE, S (Org). *Psicologia social: o homem em movimento*, São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 58-75.
- CISSÉ G. *Le vêtement et son usage dans les sociétés africaines*. Paris: Éditions Alternatives, 2008.
- ENTWISTLE, Joanne. *The fashioned body: fashion, dress, and modern social theory*. Cambridge: Polity Press, 2015.
- GOLD G., Gadou D; Cissé G. *La mode du pagne à Abidjan : pratiques et représentations féminines en milieu urbain*, Bioterre, número spécial, Actes du Colloque International, Centre Suisse du 27-29 août 2000, 2001.
- LEBRETON, S. *La pratique du pagne en Côte d'Ivoire, une expression multiculturelle*, Africulture, 2003.
- PINAFI, Tânia; TOLEDO, Lívia G. Tecnologias de gênero e as lógicas do aprisionamento. *Bagoas: estudos gays: gêneros e sexualidades*. Natal, RN, v. 5, n. 06, nov. 2012. Acesso em: 17 mai. 2024.
- RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. Feminismos plurais. Coordenação: Djamila Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- VEIGA, Alfredo C. da; ALVES, Cecília P. *O relato de história de vida à luz do pensamento de Walter Benjamin: contribuições aos estudos de identidade*. *Psicologia USP*, São Paulo, SP, v. 31, p. 1-11, 2020.